

PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO 1 ARTES (MÚSICA)

12/01/2014

PROVAS	QUESTÕES
LÍNGUA PORTUGUESA	01 a 10
CONHECIMENTOS GERAIS SOBRE EDUCAÇÃO	11 a 20
CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS	21 a 50
REDAÇÃO	—

SÓ ABRA ESTE CADERNO QUANDO FOR AUTORIZADO

LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES

1. Quando for permitido abrir o caderno, verifique se ele está completo ou se apresenta imperfeições gráficas que possam gerar dúvidas. Em seguida, verifique se ele contém 50 questões e a Redação.
2. Cada questão apresenta quatro alternativas de resposta, das quais apenas uma é a correta. Preencha, no cartão-resposta, a letra correspondente à resposta julgada correta.
3. O cartão-resposta é personalizado e não será substituído em caso de erro durante o seu preenchimento. Ao recebê-lo, verifique se seus dados estão impressos corretamente; se for constatado algum erro, notifique ao aplicador de prova.
4. As provas terão a duração de **cinco horas**, já incluídas nesse tempo a marcação do cartão-resposta, a transcrição da folha de resposta e a coleta da impressão digital.
5. Você só poderá retirar-se do prédio após terem decorridas **duas horas de prova**. O caderno de questões só poderá ser levado depois de decorridas **três horas e trinta minutos** de prova.
6. **AO TERMINAR, DEVOLVA O CARTÃO-RESPOSTA E A FOLHA DE RESPOSTA AO APLICADOR DE PROVA.**

Leia o Texto 1 para responder às questões **01** e **02**.

Texto 1**Lenda da lara**

A lara é uma lenda do folclore brasileiro. Ela é uma linda sereia que vive no rio Amazonas, sua pele é morena, possui cabelos longos, negros e olhos castanhos. A lara costuma tomar banho nos rios e cantar uma melodia irresistível. Desta forma, os homens que a veem não conseguem resistir aos seus desejos e pulam dentro do rio. Ela tem o poder de cegar quem a admira e levar para o fundo do rio qualquer homem com quem ela desejar se casar. Os índios acreditam tanto no poder da lara que evitam passar perto dos lagos ao entardecer.

Segundo a lenda, lara era uma índia guerreira, que recebia muitos elogios do seu pai que era pajé. Os irmãos de lara tinham muita inveja dela e resolveram matá-la à noite enquanto ela dormia. Lara, que possuía um ouvido bastante aguçado, escutou o que eles tramavam e os matou. Com medo da reação de seu pai, lara fugiu. Seu pai, o pajé, realizou uma busca implacável e conseguiu encontrá-la. Como punição pelas mortes de seus irmãos a jogou no encontro entre os rios Negro e Solimões. Alguns peixes levaram a moça até a superfície e a transformaram em uma linda sereia.

Disponível em: <<http://lenda-e-lendas.blogspot.com.br/2012/08/lenda-da-lara.html>>. Acesso em: 30 out. 2013.

— QUESTÃO 01 —

A regra cultural expressa pela narrativa é sintetizada no provérbio

- (A) “Olho por olho, dente por dente”.
- (B) “Devagar se vai ao longe”.
- (C) “Quem tem boca vai a Roma”.
- (D) “Casa de ferreiro, espeto de pau”.

— QUESTÃO 02 —

Do parágrafo 1 para o parágrafo 2, há uma mudança no tempo verbal justificada pela

- (A) caracterização da protagonista.
- (B) retomada do relato suspenso.
- (C) evocação de lembranças passadas.
- (D) contextualização histórica dos fatos.

Leia o Texto 2 para responder às questões **03** e **04**.

Texto 2**Corcunda, caolho, manco**

— Por que você me salvou?

Ele a observou com ansiedade, tentando adivinhar o que ela dizia. Ela repetiu a pergunta, mas ele lançou-lhe um olhar profundamente triste e fugiu, deixando-a atônita. Após alguns momentos, o corcunda retornou, trazendo um pacote que atirou a seus pés. Eram roupas que mulheres caridosas haviam deixado nos degraus da igreja. Ela pôs rapidamente um vestido e um xale brancos: um hábito de noviça da Casa de Misericórdia. Mal acabara de se vestir, Quasímodo retornou, carregando um colchão sob um braço e um cesto sob o outro, onde havia uma garrafa, um pedaço de pão e alguns alimentos.

— Coma — ele disse, completando, ao estender o colchão pelo chão.

— Durma.

Era sua própria refeição e sua própria cama. A cigana levantou os olhos em sua direção para agradecer-lhe, mas não disse uma palavra: o pobre homem era realmente horrível. Então, ela abaixou a cabeça, tremendo de pavor.

HUGO, Victor. *O corcunda de Notre-Dame*. Capítulo 11. Disponível em: <<http://www.miniweb.com.br/Literatura>>. Acesso em: 28 out. 2013.

— QUESTÃO 03 —

Os referentes dos pronomes “Ele”, “ela”, “o”, “a”, nas três primeiras linhas do texto, somente são identificados nos enunciados seguintes, constituindo

- (A) uma estratégia persuasiva elocutiva.
- (B) um mecanismo de textualidade remissiva.
- (C) um desenvolvimento temático gradativo.
- (D) uma progressão textual catafórica.

— QUESTÃO 04 —

No desfecho do fragmento citado, está evidenciado que o corcunda entregou à cigana todo o pouco que tinha na vida. Apesar disso, a avaliação final é que “o pobre homem era realmente horrível”, representando o conflito entre

- (A) o divino e o diabólico.
- (B) o infantil e o adulto.
- (C) o ser material e o ser imaterial.
- (D) o belo feminino e o rude masculino.

— QUESTÃO 05 —**Texto 3**

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adoptar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

MACHADO DE ASSIS. Joaquim Maria. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Capítulo 1, p. 2. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/pdf>>. Acesso em: 28 out. 2013.

O autor do fragmento justifica sua decisão de começar a narrativa pelo fim da história, usando como estratégia de convencimento, principalmente,

- (A) o efeito de humor dos enunciados.
- (B) o jogo com a disposição dos termos nas orações.
- (C) a comparação com outro escritor.
- (D) a intertextualidade com o discurso religioso.

Leia o Texto 4 para responder às questões 06 e 07.

Texto 4**O monstro embaixo da cama**

Duvidei dos seus poderes e da sua existência, estendi a mão trêmula e sentenciei:

– Se existe mesmo, pegará minha mão.

Senti o calor e o toque mais quente que alguém com seis anos é capaz de imaginar.

MELLO, Ana. Disponível em: <www.miniconto.com.br>. Acesso em: 5 nov. 2013.

— QUESTÃO 06 —

O texto é um miniconto. Uma característica discursivo-estrutural relevante para cumprir os propósitos desse gênero é:

- (A) a predominância de itens lexicais, com alta carga semântica, o que favorece mais conteúdo em menos material linguístico.
- (B) a recorrência de pronomes possessivos para indicar os referentes protagonistas da minitrama.
- (C) o uso de discurso direto como recurso para atribuir voz ao narrador, que é portador de onisciência.
- (D) o uso do pretérito perfeito, com o objetivo de relatar as ações passadas, o que indica um momento anterior à enunciação.

— QUESTÃO 07 —

O grupo de palavras que concorre diretamente para a construção do mundo de possibilidades no qual os fatos são construídos no texto “O monstro embaixo da cama” é:

- (A) poderes, minha, mão.
- (B) duvidei, se, é capaz, imaginar.
- (C) calor, alguém, seis, anos.
- (D) cama, toque, monstro.

— QUESTÃO 08 —

Disponível em: <www.ccine10.com.br>. Acesso em: 3 nov. 2013.

Além da significação mais básica da palavra “monstro”, as informações verbais e não verbais do cartaz relacionam essa palavra

- (A) às ações reconhecidamente desumanas.
- (B) às pessoas controladoras.
- (C) à alta capacidade intelectual.
- (D) à grave deformação física.

Leia o Texto 6 para responder às questões 09 e 10.

Texto 6**Por uma vida menos plástica?**

Desde os anos 1970, as sacolinhas cumprem duas funções essenciais na rotina dos brasileiros. Servem para carregar as compras do supermercado e embalar o lixo doméstico. O problema, alertam os ambientalistas, surge na hora do descarte do produto. Essas mesmas sacolas plásticas, por descuido ou desleixo, entopem bueiros, causando alagamentos nas cidades. Seu longo ciclo de vida (demoram mais de 100 anos para se degradarem) faz ainda com que abarroteм aterros sanitários, onde correspondem a até 10% do lixo. Carregadas para rios e mares, as sacolinhas poluem o ecossistema e matam por asfixia ou indigestão animais marinhos, como peixes, aves e tartarugas. O fato é que a natureza simplesmente não conseguiu, até agora, encontrar um meio de digerir com eficiência esses "monstros" de polietileno. A solução, então, seria a sociedade livrar-se deste incômodo. Mas como? Algumas prefeituras e governos de Estados brasileiros tentaram criar leis que proibissem o fornecimento de sacolinhas em supermercados. Representantes da indústria de plástico recorreram à Justiça, que, por sua vez, considerou os projetos de lei inconstitucionais.

Disponível em: <www.educacao.uol.com.br>. Acesso em: 4 nov. 2013.

— RASCUNHO —**— QUESTÃO 09 —**

Segundo o projeto argumentativo do texto, que fatos levam as sacolinhas a serem chamadas de "monstros de polietileno"?

- (A) A capacidade de carregar itens pesados e de armazenar lixo doméstico.
- (B) A dificuldade de descarte e serem altamente poluentes.
- (C) A inconstitucionalidade das leis ambientais e a insistência do seu uso pela sociedade.
- (D) A impossibilidade de substituição das sacolas e a falta de cumprimento das leis.

— QUESTÃO 10 —

A macroestrutura do projeto argumentativo do texto sobre o uso das sacolinhas plásticas é resumida por:

- (A) benefícios – malefícios – solução radical.
- (B) causa – consequência – retorno às causas.
- (C) enumeração – adição – associação.
- (D) fatos – suposição – desdobramentos das suposições.

— QUESTÃO 11 —

Leia o texto a seguir.

Praticamente consenso nos documentos e pesquisas estudados é a dificuldade de se atrair bons estudantes para a docência com o pagamento de baixos salários e carreiras com poucas possibilidades de progressão [...] autores têm ressaltado que melhores salários poderiam atrair profissionais com melhor qualificação para a profissão docente.

BARBOSA, Andreza. As implicações dos baixos salários para o trabalho docente no Brasil. *Anais da 35ª ANPED*, GT 05, 2012. (Adaptado).

A respeito da realidade docente brasileira compreende-se que

- (A) baixos salários têm contribuído para o desinteresse dos estudantes na carreira docente.
- (B) salários altos garantiriam qualificação de excelência para a profissão docente.
- (C) professores bem remunerados são garantia de que os cursos de licenciatura seriam os mais procurados pelos estudantes.
- (D) pesquisas e documentos carecem de consenso quanto à relação entre o salário docente e a baixa procura pela profissão.

— QUESTÃO 12 —

De acordo com a Lei n. 9.394/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a educação básica, obrigatória e gratuita, inclui o

- (A) ensino informal.
- (B) ensino profissionalizante.
- (C) ensino fundamental.
- (D) ensino superior.

— QUESTÃO 13 —

De acordo com o Artigo 1º da LDB, “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” Tal documento disciplina a

- (A) educação que se desenvolve em todos os ambientes educativos.
- (B) educação escolar, que se desenvolve em instituições próprias.
- (C) educação formal e informal, que se desenvolvem em diferentes instituições.
- (D) educação técnica e profissional, que se desenvolvem nas escolas.

— QUESTÃO 14 —

No tocante à organização da educação básica brasileira descrita pela Lei de Diretrizes e Bases, cabe aos estados e municípios, respectivamente, assegurar

- (A) o ensino profissionalizante e oferecer, com prioridade, a educação formal; oferecer o ensino superior.
- (B) o ensino técnico e tecnológico; oferecer com prioridade a educação informal.
- (C) a oferta da educação básica; oferecer o ensino compensatório.
- (D) o ensino fundamental e, com prioridade, o ensino médio; a educação infantil e, com prioridade, o ensino fundamental.

— QUESTÃO 15 —

Leia o texto a seguir.

Compreender e realizar a educação, entendida como um direito individual humano e coletivo, implica considerar o seu poder de habilitar para o exercício de outros direitos, isto é, para potencializar o ser humano como cidadão pleno, de tal modo que este se torne apto para viver e conviver em determinado ambiente, em sua dimensão planetária. A educação é, pois, processo e prática que se concretizam nas relações sociais que transcendem o espaço e o tempo escolares, tendo em vista os diferentes sujeitos que a demandam.

CNE/CEB nº 7/2010. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.

De acordo com o excerto, o direito à educação deve ser analisado

- (A) isoladamente, considerando que o processo educativo tem um tempo e lugar específicos.
- (B) com base nas relações sociais que se estabelecem no espaço da escola.
- (C) dentro de um conjunto de práticas e direitos que culminam em um processo de inclusão social.
- (D) como decorrência de um processo histórico de lutas dos movimentos sociais.

— QUESTÃO 16 —

De acordo com Paulo Freire (2000), o preparo científico do professor deve coincidir com sua retidão ética. Isso significa que

- (A) a formação científica e a postura ética são exigências à prática docente.
- (B) a formação científica do professor é o elemento fundante para a sua atuação.
- (C) a formação científica e a postura ética seguem princípios antagônicos na formação para a docência.
- (D) a formação científica refere-se aos conhecimentos didáticos da relação professor-aluno.

— QUESTÃO 17 —

Leia o trecho a seguir.

Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o *formador* é o sujeito em relação a quem me considero o *objeto*, que ele é o sujeito que *me forma* e eu, o *objeto* por ele *formado*, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos-conteúdos-acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

No excerto, Paulo Freire refere-se a um modelo de educação do tipo

- (A) tradicional.
- (B) transmissiva.
- (C) bancária.
- (D) libertadora.

— QUESTÃO 18 —

Em geral, os saberes da docência dividem-se entre os conhecimentos específicos das diversas áreas de conhecimento e os saberes pedagógicos. Para Franco (2008), os saberes pedagógicos se fundamentam

- (A) nas práticas sociais historicamente construídas.
- (B) nos objetivos das teorias técnico-científicas.
- (C) nas diretrizes da racionalidade técnica.
- (D) nos princípios da administração gerencial.

— QUESTÃO 19 —

A avaliação da aprendizagem escolar pode ser realizada em várias dimensões, de acordo com os objetivos definidos pelo professor. No caso de uma avaliação formativa, o objetivo é:

- (A) classificar os estudantes de acordo com seu rendimento escolar, atribuindo-lhes uma nota eliminatória.
- (B) identificar as dificuldades que os alunos estão enfrentando na aprendizagem para, com base em informações, organizar novas formas de ensinar.
- (C) selecionar os alunos que são capazes de demonstrar domínio dos conhecimentos, atitudes e habilidades apresentados pelo professor.
- (D) oferecer elementos para a organização do sistema de ensino por meio da promoção ou retenção dos estudantes.

— QUESTÃO 20 —

De acordo com as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica, o currículo é “constituído pelas experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, permeadas pelas relações sociais, buscando articular vivências e saberes dos alunos com os conhecimentos historicamente acumulados e contribuindo para construir as identidades dos estudantes”. Esta regulamentação também prevê que os currículos devem se organizar em duas partes, sendo uma *base nacional*, comum a todo o país, e uma *parte diversificada*, a ser definida pelos

- (A) secretários municipais e gestores escolares.
- (B) governos estaduais e municipais.
- (C) conselhos escolares e gestores escolares.
- (D) sistemas de ensino e pelas escolas.

— RASCUNHO —

— QUESTÃO 21 —

No período joanino (1808-1821), o Rio de Janeiro conheceu importante movimento musical. D João VI, ao transferir a Corte para o Brasil, trouxe consigo uma série de músicos europeus – compositores, cantores, instrumentistas –, o que favoreceu a música sacra e a implantação da ópera no Brasil. Alguns compositores se destacaram nesse período. Dentre eles:

- (A) Francisco Gomes da Rocha, Antônio José da Silva e José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita.
- (B) Domingos Caldas Barbosa, Francisco Manoel da Silva e Tomás Antônio Gonzaga.
- (C) José Maurício Nunes Garcia, Marcos Portugal e Seigmund Von Neukomm.
- (D) Luís Álvares Pinto, Caetano de Mello de Jesus e Francisco Gomes da Rocha.

— QUESTÃO 22 —

Afastando-se da influência do drama wagneriano, no Romantismo do século XIX, compositores buscaram uma expressão musical própria. Seguindo métodos europeus, iniciou-se um trabalho composicional considerado precursor do nacionalismo no Brasil e em outros países da América Latina. Os compositores nacionalistas empregaram temas da música folclórica e popular brasileira, seguindo técnicas composicionais europeias. Entre eles, destacam-se:

- (A) Gilberto Mendes, Guerra Peixe e Mário Ficarelli.
- (B) Alexandre Levy, Alberto Nepomuceno e Francisco Braga.
- (C) Marlos Nobre, Almeida Prado e Cláudio Santoro.
- (D) Leopoldo Miguez, Willy Correa de Oliveira e Osvaldo Lacerda.

— QUESTÃO 23 —

A música de fins do século XVI até a metade do século XVIII é chamada barroca. A estética barroca – conceitos grandiosos, contrastes, desenhos ornamentados e exacerbada qualidade teatral – permeou todos os aspectos da cultura europeia. São formas musicais que emergiram nesse período:

- (A) suíte, concerto e poema sinfônico.
- (B) serenata, moteto e prelúdio.
- (C) cantata, sonata e *lied*.
- (D) ópera, concerto grosso e oratório.

— QUESTÃO 24 —

Por concentrar a maioria dos grandes compositores do período, Viena torna-se centro da vida musical em meados do século XVIII. A 1ª Escola de Viena é representada por três grandes compositores do Classicismo europeu – Joseph Haydn, Wolfgang Amadeus Mozart e Ludwig Van Beethoven. No início do século XX, a capital austríaca é cenário da 2ª Escola de Viena, formada pelos seguintes compositores:

- (A) Cesar Cui, Alexander Scriabin e Modest Mussorgsky.
- (B) Arnold Schönberg, Alban Berg e Anton Webern.
- (C) Isaac Albéniz, Béla Bartók e Oliver Messiaen.
- (D) Arthur Honegger, Gustav Mahler e Richard Strauss.

— QUESTÃO 25 —

Durante o ano de 2013, com ciclos de palestras, festivais e artigos comemorou-se o bicentenário do genial compositor romântico Richard Wagner, amplamente discutido em estudos biográficos. Sua produção musical

- (A) é praticamente constituída de óperas, às quais definiu como dramas musicais, nas quais promovia a fusão de todas as artes cênicas.
- (B) é composta de extensa obra sinfônica, exigindo grandes orquestras, em linguagem essencialmente dramática apoiada na harmonia tradicional.
- (C) é praticamente constituída de obra orquestral de sentido descritivo, que denominou de poema sinfônico, cujo tema era continuamente transformado, dando unidade aos movimentos.
- (D) é composta de música incidental criada para determinados momentos de peças teatrais, em que motivos condutores expressam a emoção ou o caráter requerido para as cenas.

— QUESTÃO 26 —

Como gênero instrumental e virtuosístico da música popular brasileira, o choro conheceu distintas formações, desde as últimas décadas do século XIX. As primeiras composições que o caracterizaram tiveram como destaque os seguintes compositores-instrumentistas:

- (A) Radamés Gnattali (piano), Hermeto Pascoal (piano), Abel Ferreira (clarineta), Raphael Rabello (violão).
- (B) Joaquim Calado (flauta), Chiquinha Gonzaga (piano), Anacleto de Medeiros (clarineta) e Ernesto Nazareth (piano).
- (C) Altamiro Carrilho (flauta), Pixinguinha (saxofone e flauta), Jacob Bittencourt (bandolim), Paulo Moura (clarineta).
- (D) Patápio Silva (flauta), Zequinha de Abreu (piano), Hamilton de Holanda (bandolim), Waldir Azevedo (cavaquinho).

— QUESTÃO 27 —

Em 1954, conhecido dramaturgo e poeta teve sua peça teatral *Orfeu da Conceição* premiada no concurso do IV Centenário de São Paulo. Dois anos depois, convidou um jovem pianista e arranjador para musicar a referida peça. Era o início de uma famosa parceria da música popular brasileira, formada por:

- (A) Vinicius de Moraes e Tom Jobim.
- (B) Nelson Rodrigues e Dori Caymmi.
- (C) Ruy Guerra e Francis Hime.
- (D) Chico Buarque e Gilson Peranzetta.

— QUESTÃO 28 —

Alguns gêneros populares urbanos são conhecidos, inicialmente, como dança e, posteriormente, como canção. Dentre estes, estão os gêneros que alcançaram maior popularidade: no Rio de Janeiro – cerca de 1880 a 1930; em Pernambuco – desde fins do século XIX; e no Nordeste – de meados da década de 1940 a meados da década de 1950. Os gêneros mencionados são, respectivamente,

- (A) samba de roda, maracatu e xaxado.
- (B) tango brasileiro, fandango e xote.
- (C) maxixe, frevo e baião.
- (D) lundu, pagode e forró.

— QUESTÃO 29 —

A modinha se transforma em canção camerística após encantar a corte de Lisboa, nas últimas décadas do século XVIII, por meio de Domingos Caldas Barbosa. Em fins do século XIX, volta a ser fenômeno de popularidade, ganhando as ruas do Rio de Janeiro, com o notável cantor e compositor Xisto Bahia. Esse gênero, cultivado também no estado de Goiás, no século XIX,

- (A) teve como destaque o compositor Cândido José de Araújo Viana, o Marquês de Sapucaí, que teve 20 de suas modinhas harmonizadas por Francisco Manoel da Silva.
- (B) era o gênero preferido do compositor meiapontense Antônio da Costa Nascimento, conhecido como Tonico do Padre, que deixou cerca de 40 peças do gênero.
- (C) teve representante na cidade de Jaraguá, onde se encontra o centenário acervo do maestro e compositor Balthazar de Freitas (1870-1936), do qual já se publicou uma coletânea de modinhas e obras sacras.
- (D) foi igualmente popular em Vila Boa de Goyaz, onde desde meados do século XIX fazia parte do repertório de saraus e serenatas, juntamente com lundus, árias e canções italianas.

— QUESTÃO 30 —

Leia o trecho musical a seguir.



GONZAGA, Chiquinha., 1847-1935. *O melhor de Chiquinha Gonzaga*. São Paulo: Irmãos Vitale, 1999. (Adaptado).

O trecho transcrito corresponde ao canto de famosa marcha-rancho composta pela maestrina Francisca Gonzaga, em 1899, cujo título é:

- (A) “Pastorinhas”
- (B) “O Abre-Alas”
- (C) “Rancho das Namoradas”
- (D) “Noite dos Mascarados”

Leia o trecho a seguir para responder às questões 31 e 32.



GUEST, Ian. *Arranjo: método prático*. Rio de Janeiro: Lumiar Ed., 1996.

— QUESTÃO 31 —

Analisando a harmonia indicada no trecho da canção “Coisa mais linda”, de Carlos Lyra e Vinicius de Moraes, observa-se o seguinte procedimento adotado pelo compositor:

- (A) a repetição de clichês de acordes por intervalos regulares, passando por tonalidades diferentes, o que se denomina de marcha harmônica modulante.
- (B) a utilização de acordes enarmônicos entre as tonalidades envolvidas, ou troca de região tonal, procedimento denominado de modulação harmônica.
- (C) a mudança de centro tonal, ou de dominante, por uma simples mudança passageira de região, procedimento conhecido como transposição.
- (D) a repetição imediata de uma determinada passagem rítmica ou harmônica, procedimento denominado de campo harmônico modulante.

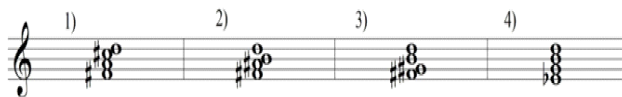
— QUESTÃO 32 —

Analisando as melodias empregadas no canto e contracanto do mesmo trecho da canção “Coisa mais linda”, conclui-se que

- (A) o contracanto manteve intervalos de terças e quintas em movimento contrário ao canto.
- (B) o canto foi desenvolvido a partir dos acordes de sétima da dominante, em oposição à linha do baixo.
- (C) o contracanto foi elaborado com terças e sétimas dos acordes, em cromatismo descendente.
- (D) o canto possui ritmo livre, apresentando-se em movimento paralelo ao contracanto.

— QUESTÃO 33 —

Leia os acordes a seguir.



GUEST, Ian. *Arranjo: método prático*. Rio de Janeiro: Lumiar Ed., 1996.

A descrição dos acordes apresentados é, respectivamente, a seguinte:

- (A) Acorde de 7ª maior com 5ª aumentada; Acorde menor com 7ª e 5ª diminuta; Acorde diminuto; Acorde de 7ª menor com 5ª diminuta.
- (B) Acorde de 7ª maior; Acorde menor com 7ª maior; Acorde menor com 7ª e 5ª diminuta; Acorde de 7ª maior com 5ª aumentada.
- (C) Acorde menor com 7ª menor; Acorde de 7ª com 5ª aumentada; Acorde de 7ª maior com 5ª aumentada; Acorde menor com 7ª maior.
- (D) Acorde de 7ª maior com 5ª diminuta; Acorde diminuto; Acorde menor com 7ª e 5ª aumentada; Acorde de 7ª menor com 5ª diminuta.

— QUESTÃO 34 —

Leia o trecho de “Carinhoso”, conhecido choro de Pixinguinha e João de Barro, em versão para flauta.



Excerto de texto. (Adaptado).

A melodia que conserva a altura indicada na flauta, quando tocada pela clarineta em si bemol na transcrição, é a seguinte:



— QUESTÃO 35 —

A forma “variação” tornou-se muito popular no século XVI, particularmente junto aos compositores de música para teclado da Inglaterra dos Tudor, e permanece como uma das formas favoritas dos compositores. As danças que adotaram essa forma na sua estrutura são as seguintes:

- (A) Bourrée e gavota.
- (B) Passacaglia e chaconne.
- (C) Pavana e galharda.
- (D) Allemande e courante.

— QUESTÃO 36 —

Leia o texto a seguir.

O ensino musical está centrado na pessoa, o que implica orientá-la para sua própria experiência para que, dessa forma, possa estruturar-se e agir. A atitude básica a ser desenvolvida é a de confiança e de respeito ao aluno. A aprendizagem musical tem a qualidade de um envolvimento pessoal. A pessoa é considerada em sua sensibilidade e é incluída, de fato, na aprendizagem.

MASETTO, Marcos Tarcísio. *Didática: a aula como centro*. São Paulo: FTD, 1997. p. 43. (Adaptado).

Considerando as diferentes concepções de ensinar e aprender, a descrição promovida no texto se refere à abordagem

- (A) comportamentalista.
- (B) humanista.
- (C) cognitivista.
- (D) tradicional.

— QUESTÃO 37 —

Leia o texto a seguir.

Musicalizar é, portanto, um despertar para a linguagem sensível dos sons, fazendo vibrar o potencial presente em todo ser humano. O conceito de musicalidade pode ser interpretado como uma maior ou menor capacidade de reação ao estímulo sonoro, variável de pessoa para pessoa, sendo essa capacidade consequência de maior ou menor disposição interna e vivência individual.

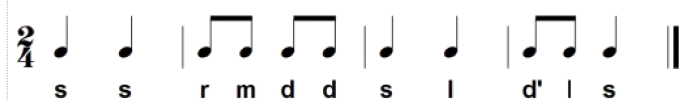
CAMPOS, Moema C. *A educação musical e o novo paradigma*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000. p. 37.

Considerando o exposto no texto, constitui-se um dos objetivos da musicalização:

- (A) desenvolver no aluno habilidades de escrita, discutindo conceitos necessários para a compreensão da leitura da partitura.
- (B) reconhecer os hábitos musicais do aluno, promovendo uma mudança de interesse para a música contemporânea.
- (C) fazer que o aluno considere a música folclórica como um bem cultural simbólico, restringindo o seu gosto musical.
- (D) criar pontes que sejam incorporadas na vivência real cotidiana do aluno, levando-o a expandir seu universo musical.

— QUESTÃO 38 —

Leia o trecho musical a seguir.



O trecho apresenta uma metodologia de solfejo na qual se utiliza a letra inicial do nome da nota, sem a utilização do pentagrama. Essa abordagem corresponde ao método de

- (A) Zoltán Kodály.
- (B) Carl Orff.
- (C) Edgar Willems.
- (D) Shinichi Suzuki.

— QUESTÃO 39 —

Leia o texto a seguir.

“Com a promulgação desta Lei, a Educação Artística é instituída obrigatória no currículo dos estabelecimentos de 1º e 2º graus do Brasil – integrando Artes Cênicas, Artes Plásticas e Educação Musical. O ensino de música é marcado pela polivalência na medida em que a maioria dos professores, egressos da área de Artes Plásticas, tende a direcionar as atividades para sua área de formação.”

A descrição promovida no texto refere-se à

- (A) Lei n. 4.024/1961.
- (B) Lei n. 5.692/1971.
- (C) Lei n. 9.394/1996.
- (D) Lei n. 11.769/2008.

— QUESTÃO 40 —

Leia o texto a seguir.

O re-arranjo é uma estratégia criativa, que promove a reapropriação ativa de uma música brasileira, popular, da vivência do aluno. É bastante simples, mas é uma estratégia estruturada e fundamentada, orientada por uma finalidade pedagógica, que, a partir de um roteiro de ação, pode gerar incontáveis produções distintas.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 161.

Os trabalhos desenvolvidos na perspectiva do re-arranjo são compatíveis com

- (A) a concepção espontaneísta da prática criativa, promovendo o desenvolvimento de práticas livres e aleatórias.
- (B) os ideais do canto orfeônico, incentivando atividades voltadas à prática do canto e do solfejo.
- (C) a pedagogia musical do século XX, possibilitando a manipulação do material sonoro e a atuação criativa.
- (D) as propostas educacionais vinculadas à estética da música tonal, valorizando a execução instrumental da obra.

— QUESTÃO 41 —

As atividades de canto são fundamentais no desenvolvimento da percepção auditiva e no aprimoramento da técnica vocal. Portanto, aquecer e desaquecer a voz são cuidados que todo professor de música deve ter ao lidar com a execução de peças cantadas. Faz parte do aquecimento vocal o seguinte procedimento:

- (A) massagear a região cervical, buscando o relaxamento muscular necessário para o canto.
- (B) emitir staccatos para ajuste do sistema respiratório, favorecendo a precisão dos movimentos.
- (C) cantar reduzindo a intensidade, obtendo efeitos de dinâmica e de nuance decrescente.
- (D) permanecer em silêncio por alguns minutos, objetivando o descanso da mente e da voz.

— QUESTÃO 42 —

Leia o texto a seguir.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) constituem um referencial para a educação fundamental no país. Apesar de sua natureza aberta e flexível, o referido documento aponta diretrizes para ações em sala de aula, contemplando diferentes áreas de conhecimento. São eixos norteadores na área de Música: “Comunicação e expressão em música: interpretação, improvisação e composição”, “Apreciação significativa em música: escuta, envolvimento e compreensão da linguagem musical”, e “A música como produto cultural e histórico: música e sons do mundo”.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Arte. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Com base nos PCNs, o projeto que contempla o eixo “Comunicação e expressão em música: interpretação, improvisação e composição” tem como enfoque:

- (A) atividades de percepção e exploração de timbres, utilizando sons vocais e corporais, com execução de canções e composição coletiva.
- (B) atividades de percepção e identificação dos elementos da linguagem musical, como motivos, forma, estilos, gêneros, sonoridades, dinâmica e texturas.
- (C) biografia de compositores, considerando-os como agentes sociais e destacando suas produções e estilos de composição.
- (D) exploração de sons ambientais, naturais e outros, de diferentes lugares, no estudo da influência da música nos indivíduos.

— QUESTÃO 43 —

Leia o texto a seguir.

John Paynter, compositor e professor, é reconhecido internacionalmente pelo trabalho que desenvolveu em escolas inglesas, propondo e defendendo um fazer musical criativo nas aulas de música. [...] Seu pensamento fundamenta-se, por um lado, nas ideias educativas características do início do século XX, tendo como alicerce pedagógico os princípios de liberdade, descoberta e individualidade e, por outro, acompanha a revolução musical dos compositores da época.

MATEIRO, Teresa. John Paynter: a música criativa nas escolas. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz. (Orgs.). *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: Ibpex, 2011. p. 245.

De acordo com o texto, a atividade que é um exemplo da metodologia de ensino musical de Paynter é a seguinte:

- (A) os alunos devem recitar uma parlenda, enfatizando o ritmo da fala e as acentuações das palavras. Como etapa seguinte, acrescenta-se à parlenda ostinatos e sequências melódicas pentatônicas tocadas em instrumentos de percussão.
- (B) o professor toca uma peça ao piano. Os alunos devem caminhar ao ritmo de colcheias, correr ao ritmo de quatro semicolcheias e saltitar ao ritmo de colcheia pontuada seguida de semicolcheia.
- (C) os alunos manipulam sinos de timbres diferentes, escolhendo um de sua preferência. O professor toca cada sino separadamente e, sem que os alunos vejam, cada um deve reconhecer o sino que escolheu.
- (D) os alunos da classe devem ler, simultaneamente, um poema em voz alta, atentando-se para aspectos como duração, intensidade e altura. Posteriormente, o texto deve ser manipulado, alterando ritmos, timbres e articulação.

— QUESTÃO 44 —

É função do regente em um grupo coral ou instrumental promover a qualidade da execução e interpretação musicais, assim como prezar pelo bom relacionamento entre os integrantes do grupo. Suas atitudes, muitas vezes, influenciam mais que seu discurso. Para que ele seja bem-sucedido em seu trabalho, tornam-se necessárias, além dos aspectos gestuais, algumas habilidades no âmbito da consciência auditiva, da comunicação e da interpretação. Tais habilidades estão ligadas, respectivamente, aos seguintes aspectos:

- (A) recriação das intenções do compositor; fraseologia; consciência rítmica.
- (B) uso da mão esquerda; afinação; correção das faltas vocais ou instrumentais.
- (C) equilíbrio sonoro; motivação; execução da música dentro do estilo próprio.
- (D) dinâmica e agógica; compreensão dos estilos musicais; boa liderança.

— QUESTÃO 45 —

Keith Swanwick, por meio do Modelo C(L)A(S)P, defende que a aprendizagem musical deve buscar o desenvolvimento de algumas habilidades. Visando a uma formação musical abrangente, uma matriz curricular em música deve contemplar, dentre outros aspectos, algumas habilidades, que, segundo o Modelo C(L)A(S)P, podem ser descritas como:

- (A) técnica, socialização e estética.
- (B) composição, apreciação e performance.
- (C) leitura, socialização e prática.
- (D) técnica, aprendizagem e comunicação.

— QUESTÃO 46 —

A avaliação constitui um procedimento fundamental no processo de aprendizagem. No caso de grupos corais, a observação dos regentes pode se dar de maneira espontânea, intuitiva e interativa. Por meio desse acompanhamento, estão avaliando e ensinando.

ANDRADE, Margaret Amaral de. Avaliação do canto coral: critérios e funções. In: HENTSCHKE, L.; SOUZA, J. (Orgs.). *Avaliação em Música: reflexões e práticas*. São Paulo: Moderna, 2003.

Para verificar o desempenho do grupo, a avaliação do regente deve ocorrer por meio de

- (A) audições periódicas no decorrer dos ensaios, atendo-se para a interpretação e para o desenvolvimento técnico do grupo.
- (B) testes individuais, instrumental ou vocal, classificatórios, premiando os melhores instrumentistas ou cantores.
- (C) provas escritas ao final do período letivo, fazendo com que cada integrante demonstre conhecimento do repertório que foi executado.
- (D) filmagens de apresentações ao vivo, fazendo um levantamento das falhas e apontando seus integrantes causadores.

— QUESTÃO 47 —

Leia o texto a seguir.

Alguns fatores, como a formação instrumental, quantitativo de músicos, função da banda e repertório, permitem classificar as diferentes constituições das bandas. Com base nesses critérios, descrevemos os seguintes grupos: Grupo 1 – Grupo formado majoritariamente por instrumentos de sopro e de percussão, podendo ser acrescido de violoncelos e contrabaixos. Seu emprego se dá sem deslocamento, devido à dificuldade de locomoção de alguns instrumentos. Pode executar qualquer tipo de repertório; Grupo 2 – Grupo formado majoritariamente por instrumentos de sopro da família dos metais e por instrumentos de percussão. Por não possuir a família das palhetas, a execução de grandes peças fica restrita. Sua utilização é própria para o deslocamento e para evoluções.

SILVA, Lélío Eduardo. Musicalização através da banda de música escolar: uma proposta de metodologia de ensaio fundamentada na análise do desenvolvimento musical dos seus integrantes e na observação da atuação dos “Mestres da banda”. 2010. 259 f. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. (Adaptado).

As descrições apresentadas no texto referem-se, respectivamente, a

- (A) Banda Orquestral e Banda de Concerto.
- (B) Banda Experimental e Banda Musical.
- (C) Banda Filarmônica e Banda Escolar.
- (D) Banda Sinfônica e Banda Marcial.

— QUESTÃO 48 —

Ao traçar um panorama da pedagogia musical brasileira, constatamos que, no decorrer da primeira metade do século XX, alguns músicos desenvolveram metodologias significativas para o ensino da música. São nomes de destaque da pedagogia musical brasileira desse período:

- (A) Maurice Martenot, Anita Guarnieri e José Eduardo Gramani.
- (B) Edgar Willems, Gazzi de Sá e Cacilda B. Barbosa.
- (C) Liddy Chiaffarelli Mignone, Sá Pereira e Heitor Villalobos.
- (D) Enny Parejo, Bohumil Med e Maria Mettig Rocha.

— QUESTÃO 49 —

O planejamento de uma disciplina envolve a definição de objetivos, conteúdos, procedimentos metodológicos e avaliação. De acordo com as concepções atuais da educação musical, um dos objetivos do ensino de música na educação básica consiste em desenvolver no aluno

- (A) uma habilidade específica em determinado instrumento musical, sobretudo, em instrumentos exóticos e alternativos.
- (B) um conhecimento artístico e filosófico, que envolva o pensamento cartesiano e uma visão positivista da realidade.
- (C) uma concepção multicultural da música, que abarque as múltiplas manifestações musicais vinculadas aos diferentes grupos sociais.
- (D) um posicionamento crítico diante das produções musicais, de modo que as músicas de massa sejam re-
futadas por motivos estéticos.

— QUESTÃO 50 —

Leia o texto a seguir.

Nas tendências tecnológicas atuais, existe uma convergência entre as telecomunicações, os meios de comunicação de massa e a informática, que estabelece uma linguagem polisêmica. [...] Ao introduzir novos aparelhos e combinar o som com imagens e movimento, esse fenômeno, conhecido também por multimídia, torna-se um dos fenômenos mais importantes no âmbito técnico, político, cultural e econômico do século XX.

SOUZA, J. Cotidiano e mídia: desafios para uma educação musical contemporânea. In: SOUZA, Jusamara. (Org.) *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre: UFRGS, 2000. p. 48.

A proposta que alia a transmissão eletrônica de informações com imagem e som, fomenta a indústria musical, associando o produto musical com a imagem do artista, é denominada de:

- (A) videoaula
- (B) videoclipe
- (C) videoconferência
- (D) videochat

REDAÇÃO

Instruções

Você deve desenvolver seu texto em um dos gêneros apresentados nas propostas de redação. O tema é único para as duas propostas. O texto deve ser redigido em prosa. A fuga do tema ou cópia da coletânea anula a redação. A leitura da coletânea é obrigatória. Ao utilizá-la, você não deve copiar trechos ou frases. Quando for necessária, a transcrição deve estar a serviço do seu texto. Independentemente do gênero escolhido, o seu texto **NÃO** deve ser assinado.

Tema:

Impactos das avaliações externas no trabalho pedagógico dos professores

Coletânea

1.



Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/blog/isto-da-certo/categoria/pedagogia/>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

2. Avaliações educacionais

Tory Oliveira

Provinha Brasil, Prova Brasil, Saeb, Enem. A trajetória dos alunos das escolas públicas pela Educação Básica é marcada hoje pela participação em uma série de siglas ligadas a avaliações que, em larga escala, foram desenhadas com o objetivo de aferir seus conhecimentos em algumas disciplinas e realizar um diagnóstico da qualidade do ensino oferecido pela instituição ou rede responsável por sua formação. Criadas em meados dos anos 80 e 90 visando melhorar o gerenciamento do sistema educacional brasileiro, os resultados das avaliações hoje extrapolaram os muros da escola e chegaram à opinião pública, estampados nas páginas dos jornais.

No entanto, as siglas que denominam as avaliações educacionais brasileiras escondem polêmicas e discussões sobre seu real efeito dentro das secretarias de educação e das escolas. Especialistas concordam que as avaliações funcionam como um termômetro, uma evidência do que está acontecendo dentro dos sistemas de ensino, mas alertam que as informações trazidas por elas nem sempre chegam às mãos de gestores, diretores e professores e, quando chegam, raramente são incorporadas às práticas pedagógicas. A interpretação e os usos desses resultados pelos governos e pela imprensa, em geral focalizados no desempenho e na posição do ranking de cada escola ou rede, também são motivos de controvérsia.

As avaliações passaram a chamar mais atenção a partir da criação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), em 2007. Calculado com base no desempenho dos estudantes do 5º e do 9º ano, do Ensino Fundamental na Prova Brasil, e nas taxas de aprovação, o Ideb intensificou a visibilidade pública dos resultados obtidos pelas redes e escolas. “Antigamente, a comunidade externa pouco pensava sobre a avaliação da qualidade da educação nacional”, lembra Isabelle Fiorelli, professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL) na área de política e gestão da educação. Em alguns casos, o resultado de uma escola no índice passou a ser encarado como um retrato da qualidade de ensino ofertado pela instituição. Na esteira da intensificação e valorização das avaliações nacionais, muitos estados e municípios passaram a produzir seus sistemas avaliativos. Em São Paulo, alunos dos Ensinos Fundamental e Médio participam do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp), desde 1996. Em Minas Gerais, os alunos são avaliados pelo Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública (Simave). Já no Rio Grande do Sul, os estudantes são avaliados pelo Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Rio Grande do Sul (Saers). Em meio a tantas avaliações, em qual medida os resultados obtidos vêm sendo aproveitados pelos gestores e professores de modo a contribuir para a revisão e formulação de políticas públicas da educação?

A resposta varia de acordo com cada sistema de ensino ou local. Como a gestão da Educação Básica é descentralizada, os mesmos resultados são aproveitados de maneira distinta por estados e municípios. “Alguns utilizam os resultados de forma economicista e meritocrática enfaticamente, outros estão meio perdidos, e outros avançaram no sentido de utilizá-lo como termômetro na redefinição da política de seu sistema de ensino”, aponta Isabelle.

Apesar da diversidade, a contribuição efetiva das avaliações na busca da qualidade de ensino tem sido, em geral, muito restrita.

Para Adriana Bauer, professora da Faculdade de Educação da USP e pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, não é possível generalizar os efeitos das avaliações na educação brasileira. “Um sistema de avaliação consolidado, como o de São Paulo, tem mais condições de fazer uso desses resultados, em relação a um com menos tradição”, exemplifica.

Os usos e o entendimento dos resultados de avaliações como a Prova Brasil pela escola esbarra em algumas questões espinhosas, como a pressão em classificar e comparar o desempenho das instituições de ensino.

A entrada das escolas na corrida pelo ranqueamento, de maneira desenfreada e pouco crítica, é uma das razões da dificuldade de apropriação dos resultados das avaliações, aponta Isabelle Fiorelli. “As escolas tomam para si toda a responsabilidade por seu fracasso ou sucesso”, observa ela.

Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/carta-fundamental>>. Acesso em: 11 nov. 2013. (Adaptado).

3. A avaliação dos estudantes no início do Ensino Fundamental

Carolina Vilaverde

A avaliação dos estudantes logo no início do Ensino Fundamental é uma ferramenta para que os profissionais da Educação possam intervir e ajudar as crianças a adquirirem as habilidades esperadas. “Os dados têm indicado que as crianças são capazes, desde muito cedo, de aprender a ler e a escrever [...]. É necessário, assim, avaliar mais precocemente a fim de que se possa intervir, também, mais precocemente”, aponta a professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Gladys Rocha.

Segundo ela, os resultados das avaliações devem ser um instrumento na mão dos professores e gestores: “A avaliação pode, efetivamente, converter-se em um instrumento a serviço da escola, dos professores e, sobretudo, da aprendizagem dos alunos”, diz.

Leia abaixo a entrevista que a educadora concedeu a C. Vilaverde.

C. V. - Qual a importância de avaliar a alfabetização das crianças?

Gladys Rocha - Avaliar a alfabetização é importante porque permite, por um lado, identificar os níveis de aprendizagem dos alunos e, por outro, ao identificar esses níveis é possível ter subsídios para definir metas para o ensino. Um outro aspecto refere-se ao fato de que os dados têm indicado que as crianças são capazes, desde muito cedo, de aprender a ler e a escrever, o que ajuda a desmistificar a ideia de que sujeitos, em função de realidades contextuais desfavoráveis, não tenham essa capacidade. É necessário, assim, avaliar mais precocemente a fim de que se possa intervir, também, mais precocemente.

C. V. - Qual o efeito de avaliar a alfabetização para as escolas? E dentro da sala de aula? E para o aprendizado dos alunos?

Gladys - Uma das grandes limitações da avaliação externa à escola está na sua recepção pelos professores e demais profissionais da Educação. O mesmo se observa, em graus diferenciados, em relação às avaliações da alfabetização. No entanto, quando bem analisados e devidamente trabalhados com gestores do ensino e da Educação, os dados permitem identificar diferentes níveis de aprendizagem de leitura e mesmo de escrita.

Com esses dados, os profissionais envolvidos têm a possibilidade de verificar níveis de aprendizagem e, a partir deles, podem construir propostas de trabalho diferenciadas, quer no âmbito da escola, da sala de aula, ou mesmo, de um sistema. Se apropriada dessa forma, a avaliação pode, efetivamente, converter-se em um instrumento a serviço da escola, dos professores e, sobretudo, da aprendizagem dos alunos.

C. V. - Em sua opinião, os brasileiros estão acostumados a avaliar a qualidade da Educação? Qual a importância de se criar uma “cultura de avaliação”?

Gladys - Na escola, muito temos ainda a avançar: não estamos habituados a termos nosso fazer avaliado, e costuma haver reservas. Elas se relacionam a um conjunto de fatores, os modos como os resultados são divulgados, inclusive pela mídia, as expectativas muitas vezes centradas em termos de premiações de escolas, as diferenças estruturais entre escolas e entre turmas de uma mesma escola, a própria falta de cultura com a avaliação externa, entre outros.

Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/noticias/14557/e-necessario-avaliar-mais-cedo-para-melhorar-o-aprendizado-mais-cedo-diz-pesquisadora/>>. Acesso em: 13 nov. 2013. (Adaptado).

4. O quebra-cabeça da avaliação

Beatriz Rey

Há aproximadamente um ano o noticiário internacional registra manifestações incipientes contra avaliações externas, reproduzidas no meio educacional de diversos países. O panorama é sempre o mesmo: professores, indignados com o peso desse tipo de provas e preocupados com o uso feito com os resultados produzidos por elas.

O termo “testes de alto impacto” foi incorporado do inglês (*high-stakes testing*), expressão concebida na década de 80 no meio acadêmico norte-americano para designar avaliações externas que são atreladas a decisões que dizem respeito a alunos, professores e gestores. Em artigo sobre a história do termo, os pesquisadores Sharon Nichols e David Berliner, respectivamente das universidades do Texas e do Arizona, afirmam que as provas que atrelam consequências de gestão educacional a seus resultados “são dramáticas e capazes de mudar vidas”. Ao serem tomados como medida única no processo avaliativo, os resultados desses testes podem definir políticas públicas. Outra aplicação possível do termo é para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que passou a ser usado nos processos seletivos das universidades públicas federais. O próprio Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) usa outro termo para definir seus sistemas de testagem: “avalia-

ções em larga escala".

Antes da instituição do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) em 2007, os resultados da Prova Brasil e do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) eram usados apenas para que as redes tivessem um diagnóstico de seus alunos. Depois do Ideb, os usos para as notas passaram a ser diversos – um deles é justamente a prática de fazer *rankings*. "Até então, quem iria se preocupar com a média da Prova Brasil por estado ou município? Passamos de baixo para alto impacto", afirma Francisco Soares, coordenador do Grupo de Avaliação e Medidas Educacionais, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Os professores afirmam que há uma pressão para que façam uma medição única no processo avaliativo dos alunos, quando, na verdade, a qualidade de ensino é fruto de diversos fatores. "A recomendação dos especialistas é que cada aluno possa ser alvo de mais de uma medida, preferencialmente que captem áreas de desenvolvimento diferentes", explica Luiz Carlos de Freitas. É preciso levar em conta, por exemplo, o contexto socioeconômico do estudante. Ou a infraestrutura da própria escola que o atende. Nesse sentido, Freitas constata: não é possível deduzir que há boa qualidade de ensino só porque o aluno tem boa nota em português e matemática.

Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/172/artigo234997-1.asp>>. Acesso em: 13 nov. 2013. (Adaptado).

5. A estratégia de quebrar o termômetro

Reynaldo Fernandes

A cada divulgação de avaliações educacionais universais, como a dos resultados da Prova Brasil e do Ideb, reacende-se o debate sobre os benefícios de fazer tais avaliações e de dar ampla publicidade aos seus resultados. Ainda que as experiências com esses procedimentos proliferem em todo o mundo e diversos estudos apontem que suas vantagens superam seus possíveis defeitos, alguns ainda resistem à idéia.

O Brasil implementou seu sistema federal de avaliação educacional no início dos anos 1990 e conta hoje com um sistema dos mais avançados. A principal medida para acompanhar a educação básica é dada pelo Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), que combina as notas da Prova Brasil com as taxas de aprovação, visando coibir tanto a reprovação indiscriminada para excluir do sistema os alunos de baixo rendimento quanto a prática de aprovar alunos que nada aprenderam para melhorar os indicadores de fluxo.

O Ideb foi, também, utilizado para estabelecer metas por redes e escolas e, assim, propiciar uma movimentação nacional para que até 2021 o Brasil atinja o estágio educacional atual dos países desenvolvidos. Existem críticos sérios das avaliações universais com ampla divulgação de resultados. As principais observações desses críticos estão relacionadas ao fato de o desempenho dos estudantes ser uma medida imperfeita da qualidade da escola.

Sabe-se, por exemplo, que a bagagem cultural dos estudantes é muito importante para o desempenho e, como o perfil dos estudantes varia entre escolas, sistemas de controle social poderiam gerar injustiças e desanimar professores que lidam com público mais carente. E, mais além, se as escolas forem cobradas pelo desempenho dos alunos, poderiam buscar meios inadequados para aumentar o desempenho médio dos estudantes, como excluir aqueles de baixo rendimento ou "estreitar" o currículo.

Esses argumentos, ainda que considerados, não invalidam a importância de avaliações universais. Informações relevantes sobre a eficiência de determinada escola podem ser obtidas pela comparação com outras escolas próximas e que tenham público similar. É possível adotar procedimentos para evitar a exclusão de alunos. Por fim, focar o currículo nos conteúdos do exame pode ser positivo, caso o exame se atenha aos conteúdos mais fundamentais. Ademais, há estudos internacionais rigorosos avaliando experiências pioneiras de sistemas de controle social das escolas. Onde tais medidas foram adotadas, o desempenho dos estudantes tendeu a crescer de modo mais acelerado. Esses estudos não mostraram evidências claras de exclusão de estudantes de baixo rendimento.

De qualquer modo, esse é um bom debate a ser travado. Existe, entretanto, um outro tipo de crítico: aquele que não gosta do que as avaliações revelam. Se o resultado de uma avaliação não é do seu agrado, uma estratégia possível é desqualificar tanto a avaliação como os responsáveis por conduzi-las. A estratégia de quebrar o termômetro.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0407200808.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

6.

Nem tudo o que pode ser contado, conta e
nem tudo o que conta, pode ser contado.
Einstein



Disponível em: <<http://www.aepinhel.pt/>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

Propostas de redação

A – Artigo de opinião

O *artigo de opinião* é um gênero do discurso argumentativo que tem a finalidade de expressar o ponto de vista do autor a respeito de um determinado tema. A validade da argumentação é evidenciada pelas justificativas de posições assumidas pelo autor ao apresentar informações e opiniões que se complementam ou se opõem. No texto, predominam sequências expositivo-argumentativas.

Orientando-se pelos textos da coletânea e por experiências vividas no seu cotidiano, elabore um artigo de opinião com o objetivo de ser publicado em um jornal de circulação nacional, posicionando-se sobre o tema “Impactos das avaliações externas no trabalho pedagógico dos professores”. Defenda seu ponto de vista apresentando argumentos que o sustentem e que possam refutar outros pontos de vista.

B – Carta de leitor

De natureza persuasivo-argumentativa, a *carta de leitor* é um gênero discursivo no qual o leitor manifesta sua opinião sobre assuntos publicados em jornal ou revista, dirigindo-se ao editor ou ao autor da matéria publicada. O texto é caracterizado pela construção da imagem do interlocutor e por estratégias de convencimento. Por se tratar de um texto de caráter persuasivo, os argumentos do autor buscam convencer o destinatário a adotar o seu ponto de vista e acatar suas ideias.

Tendo em vista as ideias dos textos da coletânea, escreva uma carta de leitor a uma revista de educação, posicionando-se em relação à declaração de Gladys Rocha (Texto 3) de que, na escola, em termos de avaliação, “muito temos ainda a avançar”. Desenvolva seu texto mediante a exploração do tema “Impactos das avaliações externas no trabalho pedagógico dos professores”. Para construir seus argumentos, relacione dados e fatos que possam convencer o seu interlocutor a acatar o seu ponto de vista. Para escrever sua carta, considere as características interlocutivas próprias desse gênero.

ATENÇÃO

**Você não deve identificar-se, ou seja, você deve assumir o papel de um leitor fictício.
A sua carta NÃO deve ser assinada.**

Assinale a letra (A ou B) referente ao gênero textual escolhido: ☐ A ☐ B

TÍTULO: _____

[illegible]